

Missão Manaus

UMA DÉCADA DE HISTÓRIA

Edição especial / Novembro de 2023

Retrospectiva dos dez anos da Missão Ribeirão Preto – Manaus

Neste ano, o Seminário Propedêutico Bom Pastor, em seu projeto missionário, sob a direção do reitor padre Marcus Vinícius, acompanhou a décima turma a Manaus a fim de conhecer um pouco da realidade manauara.

Os primeiros a realizarem a missão foram os seminaristas, em 2013, sob a orientação do padre Márcio Souza, reitor do Propedêutico naquela época. (Página 7)



Turma de 2013



Turma de 2023

Procissão fluvial, uma forma de devoção

A procissão ocorreu no rio Solimões, com a participação do Arcebispo de Manaus, Dom Leonardo Steiner, dos padres Maciel, Rodrigo Barcelos, Rodrigo José, Marcus, seminaristas e membros da comunidade. (Página 6)



A importância da religiosidade para trilhar o Caminho da Fé

Padre Marcus Vinícius - o reitor- e os seminaristas iniciaram a peregrinação pelo Caminho da Fé, saindo de Águas da Prata-SP, no dia 26 de agosto, e chegando à casa da Mãe Aparecida, no dia 7 de setembro. Foram acompanhados pelo casal Fabíola e Claret (Página 13)



Palafitas e casas flutuantes são comuns no cenário amazonense

Quem não conhece as palafitas se pergunta: como será que vivem as pessoas em casas sobre as águas? Veja a resposta a essa questão e outros detalhes na reportagem de Everson. (Página 5)



Palavra do Pastor



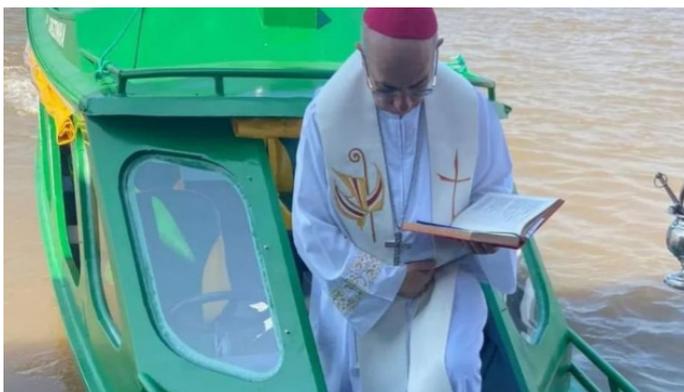
Dom Moacir Silva

Formação missionária

Um dos objetivos da formação missionária é ajudar o seminarista a aprender a ser, de fato, um missionário que ama o povo do jeito que ele é, vê a realidade em que vive, escuta, com maior profundidade, suas aflições e alegrias, sente suas dores e esperanças, estuda e analisa as várias realidades e as traz para a oração pessoal e comunitária, partilha sua vida, estando sempre disponível para servir onde seja necessário.

Nossos seminaristas da Etapa do Propedêutico fizeram a experiência de ser missionários em nossa Ação Missionária Ribeirão Preto/Manaus neste ano. Vale a pena ver os testemunhos deles nesta edição do “Jornal Missão Manaus, uma década de história”, bem como algumas curiosidades. Com certeza, esses testemunhos dos seminaristas e dos ribeirinhos ajudarão todos nós a crescermos na consciência missionária e a entrarmos, cada vez mais, decididamente nos processos constantes de renovação missionária; assim, seremos cada vez mais Igreja em saída.

Agradeço aos seminaristas e ao pe. Marcus Vinícius pela disponibilidade missionária.



Dom Moacir, em sua visita a Manaus, em 2023

Palavra do Reitor



Marcus Vinícius Miranda

Fazendo história

Desde 2013, os seminaristas do propedêutico da nossa arquidiocese de Ribeirão Preto fazem a experiência missionária nas paróquias onde nossos padres missionários atuam na arquidiocese de Manaus. Lembro-me bem, desde 2012, eu era pároco da paróquia Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos em Manaus - AM e vigário da paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em Careiro da Várzea - AM onde o pe Acácio, hoje em missão no Quênia, era pároco.

Recebemos, em agosto de 2013, a primeira turma do Propedêutico para fazer essa experiência. Era o meu segundo ano de missão. Desde então, todos os formandos do propedêutico vão a Manaus para a vivência missionária. Nesses onze anos, foram dez turmas. Até 2016 eu as recebia, mas, a partir de 2017, retornando da missão no Amazonas para Ribeirão Preto, fui designado para a reitoria do Seminário Arquidiocesano Propedêutico Bom Pastor, passando, portanto, a acompanhar os seminaristas nessa experiência. Acompanhar essas turmas na missão é a oportunidade de fazer germinar e crescer a vocação missionária nos nossos formandos.

Hoje colhemos os frutos desse caminho trilhado. O pe. Rodrigo Barcelos, em missão em Manaus hoje, fez parte da primeira turma de 2013 como seminarista. Recordo-me bem das palavras dele naquele ano, depois de ter conhecido e experimentado aquela realidade: “Um dia quero ser missionário aqui”. No momento atual, isso é realidade.

Agradecemos a Deus pela iniciativa do Padre Márcio, reitor do Propedêutico em 2013, que deu início a esse caminho, contando sempre com o apoio do Movimento Serra que reza e trabalha pelas vocações, levantando os fundos para custear a ida de cada grupo para essa prática. Que venham novas turmas e que essa experiência produza novos frutos para a missão. Ninguém ama o que não conhece.

EDITORIAL

“
Ide pelo mundo inteiro e anunciai.”

Marcos 16,15

Missão é sinônimo de compromisso, de ir ao encontro do outro. O Papa Francisco, na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, fala da “Igreja em saída”, que toma a iniciativa de ir ao encontro dos afastados e excluídos, sem fazer diferença entre os povos, pois a Igreja é para todos. Quando Jesus escolhe e envia os doze apóstolos, Ele os convida a anunciar o Reino dos Céus. Assim como eles, somos chamados a ser discípulos e missionários.

Há vários caminhos para sermos discípulos missionários de Cristo, por exemplo, a partir do batismo, recebemos a graça de proclamar o Evangelho com o nosso testemunho de vida; podemos levar Cristo ao mundo, por meio da nossa vocação, seja ela religiosa, sacerdotal, matrimonial ou laical.

Todo aquele que é enviado em missão leva consigo as bênçãos de Deus. Não sabemos o que vamos encontrar, mas essa é a graça da missão; é nesses desafios que testamos a nossa espontaneidade, a nossa força, a nossa doação e o nosso amor. Toda ação em que haja amor, esperança, caridade e humildade gera frutos. O propósito da missão é anunciar Cristo, o Bom Pastor, que dá a vida por suas ovelhas. Ele é para nós o único modelo.

Desse modo, quando saímos em uma ação missionária, o pensamento é de evangelização, mas muitas vezes acontece o contrário; nós é quem somos evangelizados com os testemunhos de fé daqueles que encontramos.

Apesar da determinação, há um grande desafio para o missionário, que é enveredar por um lugar desconhecido, com outra linguagem e outra cultura, como os ribeirinhos da Amazônia. Vivenciando essa experiência missionária, vimos em cada artigo e testemunho expresso pelos seminaristas a beleza, as surpresas, as riquezas e as alegrias que o novo, o inexplorado, nos proporcionaram.

A Amazônia é desafiadora. Não é uma missão simples, mas se torna fácil quando nos jogamos por inteiro nesse lindo trabalho, em nome de Cristo. A sensação muitas vezes é de medo, em razão do desconhe-

cido, mas a confiança em Deus afasta todo pensamento negativo. Jesus disse: “não tenhais medo, que estou contigo” (Is 41, 10-13), máxima que nos transmite confiança, pois sabemos que o Pai conhece seus filhos e sabe do que cada um é capaz.

O calor humano, a sede de Deus e a acolhida que encontramos contribuíram para alimentar a missão. A experiência missionária é bela e enriquece a vocação. Aquele que vive essa tarefa por inteiro, ao término dela, não volta o mesmo indivíduo que foi, pois tudo aquilo que é visto e ouvido é acrescentado a seu interior.

Em virtude da fé, colocamos os nossos pés a caminho e nossos corações ardentes (Lc 24, 32-33), a serviço dos amazonenses, tendo como espelho o Cristo. O retorno dessa viagem, portanto, resultou em crença renovada e vocação revigorada.

ARTIGO

“
Como o Pai me enviou também vos envio.”

João 20,21

Everson Francisco

Jesus nos dá a missão de anunciar o evangelho a toda criatura (Mc 16, 15), e “o envio para pregar é um serviço à verdade” (Texto-Base Ano Vocacional, n. 138), e o querigma contribui para o anúncio da verdade (Jesus), tornando, assim, o conteúdo essencial para todas as realidades. Mas tudo isso só é possível pela Graça que nos impulsiona e nos orienta na prática do bem, germinando um mundo melhor. Assim, o gesto de ir ao encontro dos mais carentes é gerador de novas relações, que só se concretizam por Jesus Cristo. Eu sou testemunha dessa verdade com minha própria experiência missionária, quando fui enviado a Manaus. É sobre essa vivência que escrevo este artigo.

Sabemos que toda missão tem seus desafios, ou seja, há de se defrontar com uma cultura nova e um modo de viver diferente; mas, para enfrentar todas essas dificuldades, é preciso “olhar a realidade com os olhos de discípulos missionários” (CNBB, n. 78), a saber, o missionário é chamado a tornar visível o amor misericordioso do Pai - especialmente com os pobres. Para que isso aconteça, é necessária a entrega total a esse projeto. E, para viver bem esse momento, é preciso ir com o coração aberto, só assim, acolherá

a tudo e a todos; e ter a certeza de que os apaixonados por Jesus Cristo encontram forças para renovar estruturas, dinâmicas e corações (Idem).

É certo dizer que todo aquele que não conhece Manaus, logo pensa que lá é cenário de sofrimento, dificuldade, precariedade, índio, doença e assim por diante... Mas apenas quem vai à Amazônia conhece a pureza e a beleza do lugar. Claro que há pontos desfavoráveis, como há em toda região.

E qual é o primeiro contato com essa realidade? Algo único que marca a todos é o calor. É a temperatura que nos abraça, porque é ela que nos toca primordialmente. A capital manauara é uma grande, uma cálida metrópole com mais de dois milhões de habitantes. Ali, encontram-se muitos traços indígenas, portugueses e africanos. Quem tem contato com essa realidade vê que o povo valoriza ao máximo sua cultura.

A Amazônia é muito rica em sua biodiversidade, culinária e artesanato; eu aproveitei tudo que pude, principalmente na parte das comidas. Bebi suco de taperebá, buriti, graviola, cupuaçu e açaí que é diferente de qualquer outro. E não acaba por aqui; há também os pratos típicos: tapioca com tucumã (mais conhecido como X caboquinho), banana pacovã (banana da terra), pirarucu a casaca, caldeirada, bodó (peixe cascudo), tracajá (cágado), pacu assado, tambaqui com pacovã, taça da felicidade, pupunha; encontrei até cuscuz do Nordeste. Não é à toa que voltei com alguns quilos a mais.

Em Manaus, há muitos pontos turísticos como a Catedral, a Ponta Negra, o Musa (zoológico), o porto de Manaus, a feira do peixe, a feira da banana, a feira do artesanato, o teatro Amazonas, a rádio Rio Mar, o encontro das águas, o passeio guiado pelo Rio Negro... Simplificando, há muitos atrativos para os visitantes.

Além dessa lista de encantos, há duas coisas que maravilham todo missionário: a fé do povo e o interior de Manaus, o Careiro da Várzea. Encontrei um povo muito caloroso, com garra e determinação e, apesar das dificuldades, não há algo que os desabone. A área da Várzea é a que mais impressionou, pois ali as pessoas moram em palafitas – as casas construídas sobre estacas. Durante o ano, elas passam por dois períodos: quando há enchente e quando o rio seca.

É interessante recordar que a

parte mais estreita do rio Amazonas pode chegar a seis quilômetros de largura, e a parte mais extensa alcança mais de trinta quilômetros. E, mesmo com essa imensidão de água, há partes que secam. O que é notório no interior é a alegria dos ribeirinhos, pois, mesmo vivendo em casas de madeira e tendo como transporte a rabeta (barco), não testemunhei nenhuma infelicidade da parte deles. Há aqueles que moram nos flutuantes, isto é, nas casas sobre a água. Os ribeirinhos vivem recomeçando, pois, quando vem a cheia, muitos perdem tudo e, em pouco tempo, reconstróem tudo, porque há necessidade, então, eles estão em constante recomeço.

Uma forte marca dos ribeirinhos é o respeito e a admiração para com os missionários. É algo com que não estamos acostumados; muitas vezes, fiquei envergonhado e não sabia como agir diante dessa situação. Eles questionavam: “Como alguém sai do outro lado do Brasil e vem parar aqui em minha casa?” Quando me deparava com essa pergunta, eu respondia: – “Estou aqui por conta de Jesus Cristo”. E eles sabem que estamos lá por Jesus. Eles nos chamam de missionários e muitas vezes de senhor. Oferecem o melhor que têm para nós e, muitas vezes, é o único alimento disponível.

A missão é uma constante entrega, por isso é necessário um esforço missionário que exige a paciência (cf. ClgC, n. 854), “a renúncia, o abandonar-se, o sair ao encontro, o desinstalar-se e jogar-se na insegurança da missão” (VIANA, 2015, p. 177). Pela nossa doação, podemos nos esgotar e até perder algo material, mas não o que temos interiormente, porque aquele que se doa e recebe a doação, enriquece seu interior.

Todo discípulo missionário deve ter a alegria de ser escolhido por Cristo e ter a clareza de que “ser cristão não é uma carga, mas sim um dom”. “A alegria é antídoto frente ao mundo [...] oprimido pela violência e ódio” (DAP, n. 28) e não é uma alegria fugaz do bem-estar egoísta.

Nessa alegria sublime somos chamados à missionariedade, o que nos leva a seguir Jesus, “viver em intimidade com ele, imitar seu exemplo e dar testemunho” (DAP, n. 3) da nossa fé. Para que isso seja possível, precisamos responder a nossa vocação como um ato de amor. “O amor nos lança a amar, coloca-nos nos caminhos do Senhor”

(Texto-Base Ano Vocacional, n. 48), e é no amor que os dons e carismas da Igreja formam uma unidade.

Assim seja!
Paz e bem a todos!

Buscar a Eucaristia é nossa missão



Seminaristas Rolisson, Jerbson, Renan, Adelson, José Eduardo e Everson, na Paróquia Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos, no bairro da Betânia, em Manaus

José Eduardo dos Santos

De todas as missões de um católico, a principal é buscar a Eucaristia. Por meio desse sacramento, temos a presença de Cristo em corpo, sangue, alma e divindade. Ela nos alimenta, fortalecendo a nossa fé e nossa intimidade com Deus.

Entre as várias atividades, na missão em Manaus, sem dúvidas, a principal foi a celebração da Eucaristia. Durante a Santa Missa, há o momento de oferecer as intenções, o ato penitencial, o hino de louvor, a liturgia, a oração dos fiéis, o ofertório e o instante da Eucaristia, o ponto ápice, em que, no fim, somos preparados para continuar nossa missão de proclamar o Evangelho.

Tivemos a oportunidade de realizar celebrações da Palavra e de participar de missas celebradas pelos padres Marcus Vinícius, Rodrigo Barcelos, Maciel e Rodrigo José.

Na paróquia Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos, participamos de três missas e a mais especial foi a de despedida, na qual toda a comunidade que nos acolheu estava presente para nos dar um fraterno abraço. Relem-

bramos momentos e partilhamos nossas experiências que, com certeza, ficarão guardadas em nossa memória.

São João Maria Vianney dizia que “se realmente entendêssemos a Missa, nós morreríamos de alegria”, ou seja, é pela Santa Missa que estamos ao lado do Ressuscitado, buscando fortalecimento para a nossa caminhada e vocação. Além dele, o Beato Carlo Acutis tinha um grande amor pela Eucaristia, e salientava que esse sacramento era a sua porta para o céu.

Portanto, é fundamental sempre buscarmos a Santa Missa para alimentar nossa fé e fortalecer nossa vocação e missão como católicos.

Novena- um ato de fé e amor

José Eduardo dos Santos

A novena é um momento de oração entre os fiéis tendo duração de nove dias, e sempre é dedicada a um Santo, principalmente a Nossa Senhora. Sempre é feita próximo à celebração do Santo, ou em momentos distintos, em que a pessoa precisa pedir uma graça.

Seu início se deu entre a ascensão de Cristo e a descida do Espírito Santo. Por meio de Nossa Senhora, os católicos louvam a Deus e pedem graças a Ele.

Em Careiro da Várzea, a padroeira é Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que foi celebrada no dia doze de agosto, devido ao período das cheias. Tivemos a oportunidade de acompanhar um dia da novena e, em entrevista com a coordenadora da comunidade, Mariane, ela explanou melhor sobre a novena da Padroeira.

Mariane é participante da paróquia há mais de vinte anos e relatou que o povo tem grande participação tanto nas novenas, como na celebração da padroeira.

Disse também que, a cada ano, as novenas dão frutos para a comunidade, seja em novos membros para o serviço ou graças alcançadas. Mesmo com todas as dificuldades, o povo dessa região tem forte adesão ao conjunto de rezas, promovendo as novenas tanto no Careiro da Várzea, como nas demais comunidades.

Devido às cheias, os moradores do Careiro da Várzea sempre precisam recomeçar o enfrentamento dos desafios, e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro os ajuda, conduzindo-os até Jesus Cristo.



Rio Negro e Solimões

Encontro das Águas

Autoria de Quitinho Cunha – poeta cearense que se considera amazonense de coração.

“Vê bem, Maria, aqui se cruzam: este É o Rio Negro, aquele é o Solimões.

Vê bem como este contra aquele investe, como as saudades com as recordações.

Vê como se separam duas águas,
Que se querem reunir, mas visualmente;
É um coração que quer reunir as mágoas
De um passado, às venturas de um presente.

É um simulacro só, que as águas donas D’esta região não seguem o curso adverso, Todas convergem para o Amazonas,
O real rei dos rios do Universo;

Para o velho Amazonas, Soberano
Que, no solo brasileiro, tem o Paço;
Para o Amazonas, que nasceu humano,
Porque afinal é filho de um abraço!

Olha esta água, que é negra como tinta.
Posta nas mãos é alva que faz gosto;
Dá por visto o nanquim com que se pinta,
Nos olhos, a paisagem de um desgosto.

Aquela outra parece amarelada,
Muito, no entanto é também limpa,
engana:

É direito a virtude quando passa
Pela flexível porta da choupana.

Que profundeza extraordinária,
imensa,
Que profundeza, mais que desconforme!

Este navio é uma estrela, suspensa
Neste céu d’água, brutalmente enorme.

Se estes dois rios fôssemos, Maria,
Todas as vezes que nos encontramos,

Que Amazonas de amor não sairia
De mim, de ti, de nós que nos amamos!...”

Palafitas e casas flutuantes, o abrigo de muitos amazonenses



Casa de seu Antônio, coordenador da área, que nos acolheu

Everson Francisco

As palafitas são casas construídas sobre estacas de madeira, assim como todo seu revestimento e sua estrutura são amadeirados. A finalidade original dessas construções é para que elas não sejam arrastadas pelas correntezas do rio, principalmente nas enchentes. Há um número grande de ribeirinhos, mas há lares que são afastados das margens dos rios.

Aqueles que não conhecem esse tipo de habitação se perguntam: como será que vivem essas pessoas? Antes de responder a esta pergunta, eu confesso que também pensava – como vivem? Só se sabe como os ribeirinhos vivem, quem vai a Manaus. Há quem pense que é um povo sofrido, sem conforto; de fato, há dificuldades, mas muitas palafitas são casas confortáveis. No Amazonas, há um costume, um hábito muito bonito. Quando alguém chega a uma casa, antes de entrar, tira o chinelo; nem os próprios donos usam calçados dentro de casa.

Nessa experiência de conhecer pessoalmente uma palafita, algo me encantou em todas as casas que visitei, foi a limpeza; o chão brilha. A tinta ou cera que eles passam deixa a casa bem aconchegante. A estrutura e a armação são muito bem-feitas e têm um tempo duradouro.



Casa de palafita, na região do Curuçá

Há particularidades e desafios para os ribeirinhos, por exemplo, o transporte é feito por rabetas. É assim que eles chamam os pequenos barcos. É com a rabetá que os ribeirinhos pescam, levam os filhos às escolas, vão à vila, ao mercadinho e até mesmo ao trabalho; ou seja, este barco é essencial à vida dos amazonenses. A pesca é o meio mais farto de alimento, mas, quando o rio baixa o volume d’água, a pesca fica difícil e, durante esse período, eles estocam comida. Além do peixe, outro principal alimento é o frango. Essa reserva é causada pela seca e pela cheia. Uma realidade que existe é que, em muitos lugares, fica difícil ter alguma criação ou até mesmo cultivar uma plantação o motivo é a própria água, que vem com a enchente e destrói tudo.



Casa flutuante no Curuçá

Questionados sobre o desejo de sair daquela situação precária e morar na cidade, em casa mais segura, feita de alvenaria, a resposta de todos foi a mesma: “Quero ficar aqui até o fim da minha vida, a paz que temos não a encontraremos em lugar nenhum.”

Mesmo com as dificuldades, os ribeirinhos têm o prazer de morar nas palafitas. Afirmando que encontrei muitas casas bonitas, cada uma com seu estilo. Claro que, dependendo da situação financeira, os aspectos mudam, mas são pessoas alegres e zelosas.

Ainda no interior de Manaus, encontrei casas que ficam dentro do

rio, chamadas flutuantes. Para a sua construção, é usada uma espécie de madeira (o açacu) que funciona como boia. Ela é colocada dentro do rio e, em cima dela, são construídas as casas. A casa flutuante é agitada pelo vento, pela água ondulante. Nela são amarradas três cordas e estas são atadas em outras árvores, para que assim as correntezas não a levem embora. Para concluir, digo que vale a pena conhecer as palafitas, pois elas nos ensinam muito a refletir sobre a simplicidade da vida.

Procissão fluvial no Careiro da Várzea



Procissão fluvial em honra a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

José Eduardo dos Santos

Uma procissão, em geral, acontece com vários fiéis, momento em que o padre carrega a imagem de um santo padroeiro da Paróquia e, em oração, todo o povo sai pelas ruas rezando, faz seus pedidos e agradece pelas dádivas alcançadas. Tudo isso ocorre em forma de oração e música.

No Careiro da Várzea, a procissão aconteceu de forma fluvial, ou seja, no Rio Solimões com a presença dos padres Maciel, Rodrigo Barcelos, Rodrigo José, Marcus Vinícius, seminaristas e do Arcebispo de Manaus, Dom Leonardo Steiner, O.F.M. Nesse momento de fé e devoção estiveram presentes também membros das comunidades, crianças da catequese e da ação missionária.

Durante a procissão, vários barcos e lanchas conduziam os fiéis

com momentos de terço, orações e cânticos até a chegada à paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.



Seminaristas, padre Marcus e padre Maciel com o cardeal Dom Leonardo na procissão fluvial



Barco na procissão fluvial

Pode-se perceber a fé de todas aquelas pessoas presentes, e o quanto esse momento é de extrema importância para cada uma delas que estavam lá para pedir, agradecer e mostrar o seu verdadeiro amor por Maria e por seu filho Jesus.

Dona Cirene e a vivência da fé

José Eduardo dos Santos

O catequista é aquele que anuncia o Evangelho de Jesus às pessoas não somente por meio da palavra, mas também pelo seu jeito de agir, pela sua espiritualidade e constante busca por conhecimento.

Catequizar é evangelizar indivíduos de diferentes idades, transmitindo um conteúdo em que o catequizando aos poucos vai aprofundando a sua fé e conhecendo mais sobre a vida de Jesus Cristo.

São vários os desafios que o catequista enfrenta, ao longo de sua jornada, porém isso não impede que essa pessoa deixe de transmitir o conteúdo da fé em nome da Igreja.

Ser catequista é um chamado, e foi assim que aconteceu com dona Cirene, membro da comunidade Nossa Senhora do Livramento

no Miriti. Dona Cirene além de ser catequista é Ministra da Palavra e com diversas dificuldades não deixa de evangelizar crianças e adultos.



Seminarista José Eduardo com Dona Cirene

Com 72 anos de idade, tendo problemas de artrose e na retina dos olhos, dona Cirene é catequista há mais de 15 anos e, todos os sábados, pega sua canoa e vai até a capela, sobe em média 15 degraus para catequizar apenas duas crianças, além de participar das celebrações da Palavra que acontecem aos domingos.

A moradora da comunidade relata ser feliz com a sua missão reforçando que, enquanto tiver forças, fará o que for possível para evangelizar os moradores da comunidade.

Vivenciando o ano vocacional, vemos em Dona Cirene um verdadeiro exemplo de corações ardentes e pés a caminho, ou seja, mesmo com as dificuldades e lutas do dia a dia, ela nunca deixa de vivenciar a sua fé, além de praticar o Evangelho.

Uma senhora pancada!

Jerbson Carvalho

A convivência costuma nos trazer momentos de descontração, gargalhadas e muita alegria e certamente deixa a memória de algumas histórias que, mesmo depois de anos, motivam boas risadas, pois se tornam uma cômica recordação.

Uma das lembranças desse gênero ocorreu comigo em Manaus. Eram 18h45, a missa estava para começar e eu precisava buscar a minha túnica na casa pastoral. Fui andando às pressas. Nem passou pela minha cabeça que havia uma porta de vidro no caminho. Desatento, choquei-me com ela, tão transparente e limpa, chamando a atenção de todos que estavam presentes na igreja.

Fiquei zozzo, sem entender bem o que acontecia, até que, em poucos minutos, percebi uma porção de pessoas olhando para mim que já estava

com um saliente galo na testa. Eu olhava para Everson, Renan e José Eduardo e ficava bravo porque eles não paravam de me olhar e dar risada.

O padre Marcus estava na sacristia e veio correndo para saber o que havia acontecido, dizendo: “Eu ouvi um barulho muito forte! O que aconteceu?” Os meninos foram contar o ocorrido a ele, enquanto eu não sabia onde esconder a cara. E, claro, fingi que estava tudo bem, mas o hematoma na minha testa me denunciava.

Uma senhora se aproximou e perguntou se eu estava bem e acho que ela foi a única a não dar risada, mas o que disse depois foi mais engraçado ainda: “Menino, o galo está crescendo, mas também foi uma senhora pancada!”

Minutos depois, o pároco contou-nos que várias pessoas já haviam trombado com aquela porta, inclusive ele, e que era preciso colocar um adesivo no vidro, para evitar que isso acontecesse novamente.

Curiosidades

José Eduardo dos Santos

Manaus tem uma diversa e rica cultura, que a distingue de outros contextos. Veja como exemplo algumas curiosidades sobre o Estado:

- Por conta do calor, muitos motociclistas não andam com capacete. Esse hábito acontece principalmente no interior.

- É uma prática, na cidade, as pessoas tomarem sopa, principalmente no período da manhã, apesar do calor intenso.

- A quermesse no interior difere das quermesses do Estado de São Paulo, pois serve refeição completa em vez de porções e salgados.

- Outro hábito que as pessoas têm no interior é retirar os calçados quando entram em alguma casa.

- Na capital, adultos e crianças soltam pipa, durante as tardes de domingo. São papagaios de diversas formas, e as pessoas reservam um tempo e um local específico para esse momento.

Retrospectiva dos dez anos da Missão Ribeirão Preto – Manaus

“

Eu estou no meio de vós como aquele que me serve.”

Lucas 22,27

Jerbson Carvalho

A missão a Manaus é uma verdadeira formação, que nos convida a sair do conforto e ir ao encontro de uma realidade bem diferente da que vivemos. É uma oportunidade de aprofundar o ser cristão, de sermos formados pelo ambiente que nos aponta valores os quais, às vezes, não vemos. E, neste ano de 2023, o Seminário Propedêutico Bom Pastor acompanhou a décima turma que foi a Manaus para fazer missão e conhecer um pouco da realidade amazonense.



2013

Da direita para a esquerda: pe. Marcus Vinícius, Leonardo, Dom Sérgio, pe. Alcides, Uelton, Max Naim, no fundo: Bruno Lopes, depois: pe. Márcio, pe. Cláudio e embaixo da esquerda para a direita: Rodrigo Barcelos, pe. Pedro Escravinato e pe. Vinícius

Os primeiros a realizarem a missão foram os seminaristas do ano de 2013, orientados pelo padre Márcio Souza, reitor do Propedêutico naquela época. Fazia parte desse grupo o padre Rodrigo Barcelos, que atualmente exerce suas funções pastorais em Manaus. Questionado acerca de sua experiência missionária, ele disse: “Toda adaptação exige muito de nós. A minha não foi fácil, pois estou aprendendo a ser padre aqui na missão, com a responsabilidade que essa função representa. As cobranças no início foram um grande desafio e, a cada dia, por meio das experiências, vou me habituando à vontade de Deus em minha vida e missão”. Três seminaristas da turma de 2013 foram ordenados: padre Rodrigo Barcelos, padre Vinícius e padre Alcides.



2014

Da direita para a esquerda: paróquia de Manaus, Murilo. Atrás: pe. Pitico, pe. Márcio, pe. Germano, pe. Thiago, pe. Marcus Vinícius, Jefferson (paróquiano). Na fileira do meio, da esquerda para a direita: pe. Leandro, direta: Bruno Lopes, a esquerda do Murilo: Uelton, Bruno Brentan, Dom Moacir Silva, Leonardo, Tales e Fernando (Paróquia Jesus Misericordioso)

Padre Bruno Brentan, da diocese de Ituiutaba-MG, fez o propedêutico sob as orientações da Arquidiocese de Ribeirão Preto, em 2014, e informou sobre sua experiência missionária “Além de mim, foram: o pe. Márcio (reitor da época), os propedeutas que moravam comigo: Bruno Lopes, Leonardo, Murilo, Tales e Uelton e foram dois leigos. Nos dias em que estive lá, houve a sagração da Igreja no Careiro, por isso Dom Moacir e mais alguns padres, entre eles, padre Pitico, foram para esse momento.” Acerca da diferença entre Manaus e as comunidades ribeirinhas, ele afirmou “Manaus é uma grande cidade, com aquilo que estamos acostumados a ver em cidades desse porte: trânsito caótico, frenesi das pessoas... Já as comunidades têm uma realidade mais tranquila, com pessoas mais abertas e acolhedoras.”



2015

De baixo para cima: Christian Aparecido, Leonardo Oliveira, pe. Márcio, à esquerda João Marcos e a direita Luiz Carlos

Em 2015, quatro seminaristas tiveram a oportunidade de vivenciar a missão, sendo que três dessa turma foram ordenados diáconos e serão ordenados padres em dezembro. São eles: Diác. Christian Aparecido Ferreira, Diác. Leonardo Oliveira e Diác. João Marcos. “O que me surpreendeu mais, na missão, foi a esperança dos ribeirinhos que nunca desanimam diante das dificuldades pelas quais passam. Famílias que perdem as casas nas enchentes, a dificuldade da pesca e outras circunstâncias, mas estão sempre agradecendo o que possuem”, disse o diácono João Marcos, após ser questionado sobre o que o surpreendeu durante a missão.” Também afirmou: “A experiência missionária deve ser realizada de coração. Quando saímos em missão, pensamos que vamos evangelizar, de fato, acontece essa evangelização. Porém, o mais evangelizado da missão é o próprio missionário. Em todas as experiências vivenciadas, durante a minha caminhada, sinto que quem saiu aprendendo foi eu mesmo.”



2017

Da esquerda para a direita: Leandro Júnior Leite, João Vítor Oliveira, leiga, Carlos Alexandre Barbosa dos Santos, Dom Sérgio Castriani, pe. Marcus Vinícius, Fábio da Silva Rodrigues, leigas e pe. Thiago

Em 2016 não houve missão, que foi logo retomada em 2017, sob a orientação do padre Marcus Vinícius, o atual reitor do Seminário Propedêutico Bom Pastor. Nesse grupo, havia três seminaristas do propedêutico, que ressaltaram a acolhida do povo e a pureza que eles transmitem: “Com certeza, o acolhimento das famílias em nos receber e dar tudo de si é o ponto alto dessa viagem. Os gestos de carinho deles foram bem fortes, mostraram a importância de cuidar até de alguém desconhecido (no caso eu)”, afirmou Carlos Barbosa, que atualmente está no 3º ano da configuração.



2018

Da esquerda para a direita: João Hebe, Vinícius Santana, João Vítor, Paulo Sérgio, Eduardo Augusto, pe. Marcus Vinícius, Eduardo e Bel - do Movimento Serra -, Gabriel Silverio, Lucas Barbosa e Lucas Fagundes

Em 2018, foram oito seminaristas e dois deles estão no seminário, cursando o 2º ano da configuração (Teologia). Em seu depoimento sobre a missão, Eduardo Castro afirmou: “No nosso caso, a missão iniciou-se, na paróquia de Manaus, onde participamos dos festejos da padroeira Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos. Nesse mesmo período, conhecemos a realidade pastoral, cultural e social do território paroquial, convivendo com nosso Arcebispo bem como com o Arcebispo de Manaus e seus auxiliares. Na partida para o Careiro, acompanhei o padre Acácio em algumas áreas, passando depois pelo Careiro, participamos de uma missa e fomos enviados para as diversas áreas do território da paróquia. Fomos divididos para as comunidades onde fizemos a experiência das celebrações da palavra e também as visitas às casas das famílias na companhia da liderança local. O que mais me marcou foi a acolhida e a realidade local, tanto que já voltei outras duas vezes para experiências na Amazônia, onde conheci diversos modos amazônicos de viver e celebrar a fé.”

A presença do Movimento Serra na missão Manaus

Maria Isabel Alves da Costa Abissamra (Bel), é professora e membro do Movimento Serra há 12 anos e como leiga missionária teve a chance de realizar a missão. Ela disse: “Por fazermos parte do Movimento Serra, estamos sempre juntos do Reitor, dos seminaristas e de suas atividades, como a Missão Manaus. Os Reitores deixam em aberto a disponibilidade de acompanhá-los e foi assim que decidimos ir, em Junho/Julho de 2018.”

E acrescentou: “Realmente, é

rica a diversidade de hábitos, alimentos e até mesmo clima na cidade. Alimentam-se muito de peixe, mandioca, tapioca. Todos os dias, após o almoço, chove. Chuva rápida, fraca e com sol. Está bem presente no artesanato a arte indígena.”

A respeito das atividades em Manaus, Maria Isabel relata: “Nas atividades missionárias, chegamos ao Careiro da Várzea e encontramos Pe Maciel. Passamos um dia lá, participamos de Celebração e no dia seguinte partimos para as palafitas nas Comunidades da Várzea. Estávamos em 5 seminaristas, pe. Marcus, Eduardo e eu. Nos dividimos, dois a dois, para visitar diferentes comunidades e permanecer nessas regiões por 5 dias. Pe Marcus, Eduardo e eu ficamos juntos. Nos dias em que permanecemos na Comunidade, visitamos famílias, ouvimos histórias, rezamos, fizemos refeições juntos e, à noite, havia Celebração. Para eles, é uma grande alegria poder ter a Eucaristia, pela presença do padre. Durante praticamente todo o ano, realizam semanalmente a Celebração da Palavra. Ter a presença do padre, uma ou duas vezes ao ano, é uma glória!



Da esquerda para a direita: Casal Serrano - Bel e Eduardo -, pe. Marcus Vinícius, em residência na Comunidade ribeirinha de Careiro da Várzea-Manaus

A Josi que também viveu a experiência da missão, disse: “Enfim... diferenças de costumes, de realidades culturais imensas, mas vivemos um temor e ardor na fé que nos une a viver e propagar o amor Misericordioso de Deus.”

Alguns anos já se passaram dessa experiência, mas as marcas ficaram e nos tornam pessoas melhores a cada dia. Agradeço a oportunidade de viver essa experiência, agradeço em especial ao Padre Márcio pelo convite e ao Padre Marcos Vinícius que nos acolheu com tanto carinho, ao Padre Acácio e Padre Eulálio, todas as comunidades pelas quais passamos.

Ah!! E não podemos deixar de lembrar os nossos queridos seminaristas que compartilharam conosco essa experiência, hoje já Diáconos e logo, logo, se Deus quiser Padres, Diácono Leonardo, Diácono Cristhian e Diácono João Marcos.”



Da esquerda para a direita, diácono Christian, diácono João Marcos, diácono Leonardo, Paulo Chiappa, Josi Chiappa e Padre Márcio



Da esquerda para a direita, um morador da comunidade conduzindo a rabeta, diácono Christian, ex-seminarista Luiz, Josi Chiappa e pe. Eulálio

Outra pessoa que contou sobre a missão foi a Margarida, do Movimento Serra: “O nosso grupo foi em 2018 e foram a Fabíola e o Claret e mais um casal amigo do José Vicente, mas não fomos como missionários e sim para conhecer a realidade deles. É um desafio! Nós até acreditávamos que seria difícil nos adaptarmos, mas deu tudo certo. Assim ficamos hospedados em um hotel, fizemos visitas. A acolhida do povo foi o que mais me chamou atenção; e é um povo que dá graças a Deus quando tem um sacerdote para celebrar missa para eles. Também destaque o carinho das pessoas a ponto de sempre oferecer o melhor para nós.



Da direita para a esquerda (em pé): Ana Lúcia Bim, Fabíola, Claret, José Vicente, pe. Marcus Vinícius, Pilan, João, Lúcia. Os que estão sentados, da esquerda para direita: Isabel, Marina, Elisabete e Margarida

Testemunho de superação



2019

Da esquerda para a direita: Leonardo Galanti, João Henrique, pe. Marcus Vinícius, João Guimarães, Lucas Fagundes e Luiz Davi

Em 2019, a turma era composta por cinco seminaristas, dos quais três já haviam feito a experiência no ano anterior e partilharam com o grupo relatos sobre os momentos e as vivências deles. Leonardo Galanti conta que era sua primeira viagem missionária e ouvinte de experiências passadas por turmas anteriores. Estava ansioso e com medo ao mesmo tempo. Ele relatou: “A expectativa era grande, primeiro pela responsabilidade de ser missionário, conhecer uma realidade diferente, evangelizar em um lugar desconhecido; segundo pelo desejo de querer viver intensamente a experiência, conhecer as pessoas, a cultura, os lugares, partilhar a vida deles e com eles. Senti medo dos bichos, da grandiosidade dos rios, das matas, mas tudo foi até mesmo um preparativo para que eu pudesse me abrir para bem viver a missão.”

Sobre os lugares que eles visitaram, testemunhou: “Na primeira semana de missão, ficamos em Manaus, período em que conseguimos conhecer a cidade. Visitamos o icônico Teatro Amazonas, conseguimos visitar todo seu interior; a Catedral da Arquidiocese de Manaus, Nossa Senhora da Conceição; o Estádio Arena da Amazônia, que sediou alguns jogos, durante a Copa do Mundo de 2014, no Brasil, onde também permanece o Museu Internacional do Esporte. Um dia inteiro foi dedicado a toda costa de Manaus, visitamos o Mercado Municipal, a Feira Manaus Moderna e o Porto de Manaus, posteriormente indo para a Praia da Ponta Negra onde permanecemos uma tarde. Nossa área de missão era a Paróquia Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos, no bairro Betânia. Tivemos a oportunidade de conhecer aquela região, as famílias, fazer

visita nas casas, nas comunidades e núcleos da paróquia. Reservamos um dia para fazermos um passeio de balsa, com isso conhecemos uma região de mata próxima a Manaus e visitamos uma comunidade indígena, almoçamos em um restaurante flutuante, no meio do Rio Negro. Na nossa segunda semana de missão, fomos para o município de Careiro da Várzea, já em região ribeirinha e iniciamos ali nossa missão, adentrando a floresta amazônica e visitando as famílias ribeirinhas que ali moravam.”

Em 2020, não houve missão, por causa da pandemia e por isso os seminaristas foram a Manaus um ano depois, situação contextualizada por Mateus Sena: “Eu e minha turma, composta por 4 seminaristas, fomos profundamente afetados pelo medo e pelas dúvidas ao longo de um ano de pandemia de Covid-19. Desde janeiro de 2021, ficávamos atentos às notícias, acompanhando o crescimento alarmante dos números de infecção e mortes, sem enxergar uma perspectiva clara de melhora em nosso país. Em fevereiro, ingressamos oficialmente no seminário. Algum tempo depois, surgiu a oportunidade de ir para Manaus, isto é, apenas 2 meses após todo esse caos. Ainda me sentia assustado, pois estava isolado no seminário, longe até mesmo da minha família. Considerando as enormes dificuldades vividas no Amazonas, percebi que levar um pouco de esperança e consolo às pessoas era o melhor presente que eu poderia oferecer, guiado pelo exemplo de Jesus.”



2021

Da esquerda para a direita: Luís Henrique, Matheus Sena, Matheus Bento, pe. Marcus Vinícius e Paulo Vítor

Nessa oportunidade, a turma do propedêutico foi composta por quatro seminaristas: Luiz Henrique, Matheus Henrique, Matheus Willian e Paulo Vítor. Além deles, o reitor do propedêutico, Padre Marcus Vinícius, acompanhou-os. A respeito da adaptação

aos costumes, à cultura e às gírias diferentes, afirmou Mateus: “Desde o primeiro instante, a diferença nos causa estranhamento e até mesmo espanto, mas conforme convivemos com eles, passamos a entender até mesmo o motivo de haver determinados costumes, verdadeiramente vamos nos encaixando naquela realidade. Isso, claro, porque fomos com os corações abertos para essa realidade e dispostos a conhecê-la.”



Da esquerda para a direita: Caique Augusto, Clayton Eugênio, pe. Pitico, pe. Rodrigo Barcelos, Nilton Aparecido Júnior e Jean Castro

A turma de 2020, conforme já foi dito, não foi a Manaus. Em decorrência da pandemia, adiaram a missão para o ano seguinte. O seminarista Clayton, hoje no terceiro ano de Filosofia, explicou: “A minha turma teve ingresso no seminário no ano de 2020, entretanto, não foi possível realizar a missão nesse mesmo ano devido à pandemia. Surgiu, então, a oportunidade de irmos ao Amazonas em julho de 2022. Ir na etapa do Discipulado, mais precisamente no 2º ano, ou seja, mais amadurecidos na formação, ajudou em nossa deslocação quanto à realização da missão, seja nas celebrações ou até nas conversas realizadas em cada visita.”

Acerca das atividades pastorais, desenvolvidas durante a missão, informou Clayton: “As atividades pastorais desenvolvidas pela minha turma, na região ribeirinha, foram as celebrações da Palavra de Deus e as visitas às casas. Já em Manaus, além das visitas, participamos do círculo bíblico da paróquia, dividido por setores, encontro com os jovens da paróquia e uma manhã de espiritualidade com os paroquianos.”

Os relatos dos missionários da nona turma do propedêutico que realizou a missão são semelhantes aos demais, pois essa circunstância oferece para todos aquilo que possui de melhor: o povo, suas águas, flores, costumes, sotaques, culinária...



2022

Da esquerda para a direita: Miguel Coutinho, Ítalo Rodrigues, Pedro Caetano, Bruno Silva, pe. Rodrigo Barcelos, pe. Marcus Vinícius, Guilherme Teixeira, Gustavo Lopes, Pedro Leonardo e Marcelo Silva

Essa turma foi composta por oito seminaristas e o reitor padre Marcus. Pedro Caetano foi entrevistado e falou sobre a sua expectativa antes da missão: “Realmente, eu não sabia o que esperar. Em função disso, senti ansiedade por conhecer uma nova realidade e medo por ser uma missão com muitos desafios, mas tudo isso foi superado, porque os pontos positivos foram diversos, como as celebrações nas comunidades, o contato com os moradores, a imersão na cultura amazonense e a diversidade da alimentação regional.”

Pedro Leonardo de Oliveira, também desse grupo, ressalta os pontos positivos da missão: “a oportunidade de conhecer uma cultura diferente pela qual me encantei, tanto pela religiosidade, quanto pelo rico patrimônio do território foi maravilhosa. Também foi muito bom conhecer o cardeal da Amazônia, Dom Leonardo Ulrich Steiner, que nos recebeu no seminário São José, arquidiocese de Manaus, e compartilhou conosco a realidade do lugar, a carência de vocações sacerdotais na Igreja particular do Amazonas.”

O terceiro entrevistado Gustavo Lopes (primeiro ano de Filosofia) disse um trecho da sua experiência semelhante aos outros relatos, inclusive da décima turma de 2023: “O que mais me surpreendeu nessa experiência missionária foi a fé firme, forte e perseverante dos ribeirinhos que moram nas comunidades do Carreiro da Várzea, pois muitas delas têm Missa apenas algumas poucas vezes ao ano, mas por meio da Celebração da Palavra, oração em comunidade e outras formas de piedade popular, conservam a Fé Católica que receberam de seus antepassados.”

E deixou uma recomendação para aqueles que tiverem a oportunidade de realizar essa missão: “Meu conselho é que quem for para lá fazer essa experiência missionária, que vá aberto a fim de conhecer a riqueza desse povo e tudo o que ele pode trazer para acrescentar em nossas vidas e vocações.”



2023

No fundo, da esquerda para a direita: pe. Rodriguinho, pe. Rodrigo Barcelos, Dom Leonardo Stainer, pe. Maciel, pe. Marcus Vinícius. Na frente, da esquerda para a direita: Renan Novais, Jerbson Carvalho, José Eduardo e Everson Francisco

Além das pessoas citadas, muitos fizeram parte dessa caminhada de dez anos, que simboliza uma formação, uma peregrinação e que não pretende se encerrar tão cedo. Os missionários, seguramente, foram felizes nesta última década, pois tiveram a graça de conhecer a pureza e a simplicidade de um povo rico de Deus, que mantém a fé na Igreja, viva e atuante, mesmo em condições difíceis.

Uma imagem vale mais que mil palavras

Confúcio, pensador chinês, que viveu entre 552 e 479 a.C., criou muitos provérbios, entre eles, a máxima “uma imagem vale mais que mil palavras”. Considerando essa afirmativa, convidado o leitor a percorrer as imagens que seguem, representando uma fatia da realidade amazonense, com seus lugares típicos, missas e celebrações da palavra, bem como a presença alegre dos encontros vivenciados entre os seminaristas de 2023 e membros da comunidade manauara.



Fotos da Missão em Manaus



Missa de acolhida, presidida pelo padre Rodrigo Barcelos, na paróquia Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos no bairro da Betânia - Manaus/AM



Catedral Metropolitana de Manaus - Nossa Senhora da Conceição



Um momento de descontração: visita dos seminaristas e do padre Marcus ao porto flutuante de Manaus



Visita à rádio Rio Mar, emissora de rádio oficial da Arquidiocese de Manaus, valiosa por veicular informação, cultura e fé



Fachada do Teatro Amazonas, tombado como Patrimônio Histórico Nacional em 1966



Parte interna do Teatro Amazonas, onde dá para ver a preservação do estilo arquitetônico original renascentista



Visita ao Seminário Arquidiocesano São José em Manaus



Capela central do Seminário São José



Folha da vitória-régia, planta aquática, com folhas planas formando um disco de quase 2 metros de diâmetro

O aconchego e a alegria dos encontros



Jantar com a Pastoral Missionária da Paróquia Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos



Terço vocacional, na casa da Sr.^a Fátima, paroquiana da paróquia Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos



Círculo Bíblico no núcleo São Jerônimo na Betânia – Manaus



Círculo Bíblico no núcleo Imaculada Conceição na Betânia – Manaus



Círculo Bíblico no núcleo Monticone na Betânia – Manaus



Círculo Bíblico no núcleo Anchieta na Betânia – Manaus

Careiro da Várzea



Chegada dos seminaristas, acompanhados por Padre Marcus Vinícius, ao Careiro da Várzea



As bandeirinhas coloridas antecipam a recepção festiva na paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro no Careiro da Várzea

Missas e celebrações



Missa da novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no Careiro da Várzea, presidida pelo padre Marcus e concelebrada pelos padres Maciel e Rodriguinho, contando ainda com o seminarista da Arquidiocese de Manaus



Missa na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro na área do Miriti - Careiro da Várzea/AM



Missa na comunidade Santa Maria na área do Curuçá



Missa na comunidade São José na área do Miriti



Missa na comunidade São Lázaro na área do Curuçá



Celebração da Palavra, na comunidade Santo Antônio, na área do Miriti



Celebração da Palavra, na comunidade São Sebastião, na área do Miriti



Celebração da Palavra na comunidade Santa Luzia na área do Miriti



Visita à comunidade Santa Maria



Despedida do Careiro da Várzea

Momentos com a tribo Tariana



Seminaristas com o pajé da tribo Tariana, acompanhados por Luningning, missionária, membro da Sociedade das Missões Estrangeiras



Tribo indígena da etnia Tariana



Padre Marcus e seminaristas visitam a tribo Tariana, acompanhados por um grupo de paroquianas

A importância da religiosidade para trilhar o Caminho da Fé

“Peregrinar é um ato revestido de sacralidade.”

Dom Gil Antônio Moreira

Everson Francisco

Antes de iniciar o caminho da fé, eu estava em missão no Estado do Amazonas e lá ouvi uma frase muito bonita, enunciada pelo Cardeal Arcebispo de Manaus, Dom Leonardo Ulrich Steiner, OFM. Em sua homilia, no interior amazonense, Careiro da Várzea, ele disse: “Quem vai a Maria, nunca deixa de ser católico”.

Essa frase foi um incentivo à peregrinação. O caminho da fé é sinônimo de superação, de fé, convivência, devoção e oração. A peregrinação (do latim per agros, significa: pelos campos), de fato, é uma jornada feita por campos desconhecidos. Durante o percurso, a cada bela paisagem encontrada, era uma explosão de sentimentos: paz, felicidade, realização, gratidão.



Everson no primeiro dia de peregrinação

No percurso primeiro, eu rezei um terço a minha família, a minha diocese de Jaboticabal - SP, as minhas paróquias São João Batista – Bebedouro/SP e Santo Antônio de Pádua – Pirangi/SP (Pastoral). Em minhas intenções, coloquei meus irmãos seminaristas, os padres próximos a mim e os meus amigos. Pedi ao Senhor, nosso bom Deus, que os abençoe, proteja-os em suas vidas; durante a oração, senti Deus em meu coração e disse a ele: “Senhor, em tudo Te vejo, em tudo Te sinto e em tudo Te quero”.

A devoção é uma grande aliada, ela nos ajuda a não desistir; eram 20 km de caminhada por dia. O reitor apresentou uma dinâmica: que dedicasse o caminho a alguém e depois ligar para essa pessoa e explicar o sentido do ato. Todos aqueles, que estavam em meu coração, ficaram surpresos, agradeceram-me e se emocionaram.

Além disso, em todas as pousadas, celebrava-se a missa, sendo presidida pelo pe. Marcus Vinicius (reitor). Após a sua homilia, nós refletimos sobre os milagres atribuídos a Nossa Senhora Aparecida. São sete:

1º milagre: A pesca milagrosa. Conta a história de três pescadores (João Alves, Felipe Pedroso e Domingos Garcia) que, após muitas tentativas, não conseguiram pescar nenhum peixe. O período não era muito favorável à pescaria, então pediram a intercessão de Nossa Senhora; logo em seguida, lançaram as redes e, para a surpresa deles, pescaram o corpo da santa sem a cabeça; em uma segunda vez, veio a cabeça da imagem. Quando encontraram as peças da imagem, os pescadores lançaram mais uma vez as redes e pegaram muitos peixes. Tamanho era o peso do barco, que as embarcações quase afundaram.



Monumento que representa a pesca milagrosa, um dos milagres atribuídos a Nossa Senhora Aparecida

2º milagre: As velas. Em uma noite de calma, as famílias se reuniram como de costume, no local de preces em Itaguaçu para rezar diante da imagem de Nossa Senhora. No altar, estavam duas velas: uma de cada lado, junto com a imagem, de repente, elas se apagaram. Silvana da Rocha levantou-se para acendê-las e, ao se aproximar, de modo surpreendente, as velas se acenderam sozinhas.

3º milagre: A menina cega. Uma família de Jaboticabal-SP tinha uma grande devoção por Nossa Senhora Aparecida. A menina cega de nascença sempre ouvia seus pais falarem

de Nossa Senhora; presenciando a admiração pela santa, o seu sonho era poder um dia estar na Igreja onde estava a imagem de Mãe Aparecida.

Então, mãe e filha partiram rumo a Aparecida. Nesse tempo, o transporte era muito difícil, mas com muita fé, perseverança e esperança, foram em peregrinação pelo sertão. Ao chegar a Aparecida, enquanto subia as escadarias da Igreja, a menina exclamou: “Mãe, como é linda essa igreja!”, e a partir daquele momento a menina passou a enxergar normalmente.



Ponto onde aconteceu o milagre da menina cega, localizado na Serra da Mantiqueira

4º milagre: O escravo Zacarias. “Em meados de 1850, Zacarias, um escravo fugitivo, havia sido capturado e acorrentado por seu feitor. Durante o caminho de volta à fazenda de onde fugira, Zacarias pediu ao feitor permissão para rezar, ao passar pelo Santuário onde a imagem de Nossa Senhora Aparecida estava.

“O feitor permitiu que Zacarias fizesse suas orações e, de joelhos, enquanto Zacarias rezava diante da imagem de Nossa Senhora Aparecida, as correntes presas ao seu pulso se soltaram milagrosamente”. O feitor, vendo isso, libertou Zacarias e em agradecimento, ele passou o resto da sua vida cuidando da capela de Nossa Senhora Aparecida.

5º milagre: O cavaleiro sem fé. Um cavaleiro do século 17, vinha de Cuiabá a caminho de Minas Gerais. Ao passar por Aparecida, viu a fé dos romeiros e começou a zombar, dizendo que a fé dos devotos era uma bobagem. O cavaleiro não só zombou como tentou entrar na igreja montado em seu cavalo, mas, ao chegar lá, a pata do seu cavalo prendeu-se na escadaria da igreja e ele caiu do cavalo. A marca da ferradura ficou cravada na pedra. “A partir daquele momento, com o coração arrependido, o cavaleiro pediu perdão e tornou-se devoto de Nossa Senhora”.

6º milagre: Salvo de afogamento. “O pai e o filho foram pescar no Rio Paraíba do Sul e, por um descuido, o menino caiu no rio. A correnteza estava muito forte, e o menino não sabia nadar. A correnteza o arrastava cada vez mais rápido e, desesperado, o pai pediu a Nossa Senhora Aparecida para salvar o menino. De repente, o corpo do menino parou de ser arrastado no meio da correnteza e o pai pôde salvar o filho”.

7º milagre: A proteção do Caçador. “Um caçador, ao retornar para casa, deparou-se com uma onça no meio do caminho. Sem munições, vendo-se encurralado e prestes a ser atacado pela onça, rezou, pedindo proteção a Nossa Senhora Aparecida, e então, a onça foi embora”.

Éramos sete pessoas: Pe. Marcus Vinicius (reitor), os seminaristas José Eduardo, Jerbson Carvalho, Renan Novais e eu – Everson Francisco. Conosco estava um casal que nos acompanhou: Claret Achitti e Fabíola Achitti; cada um contou um dos milagres. A cada história, a devoção a Aparecida aumentava. Todos esses milagres são marcantes, existem vários outros que não conhecemos e conto-lhes um.

Essa história que testemunharei é da senhora Neide Alves Adallo, proprietária da pousada Águas Livres – Inconfidentes/MG, ela recebeu uma cura por intercessão de Nossa Senhora Aparecida. Neide foi Ministra Extraordinária da Comunhão Eucarística (MECES).



Foto na Pousada Águas Livre, missa com os proprietários e os peregrinos

Tudo começou com um câncer de rim, com isso, Neide veio a perdê-lo. Essa perda a afetou muito, causando-lhe depressão e síndrome do pânico. Com medo e muito debilitada, Adallo rogou a Nossa Senhora pela cura. Vendo sua situação, ela e família procuraram um lugarzinho de paz para descansar e, após muitas buscas, apareceu essa pousada à ven-

da, que na época estava desativada; mas eles não sabiam que ali era um ponto de parada dos peregrinos. Então muitos peregrinos passavam e pediam abrigo, pois estavam cansados, não conseguiam chegar ao destino final do percurso do dia. Neide nunca negou ajuda, e esse feito foi o caminho de que ela precisava para a sua restauração. Disse ela: “Ficando aqui, contando minha história e muitos contando a deles, eu fui me sentindo bem e, com a graça de Nossa Senhora, a doença foi embora.” Em troca dessa benção, Neide deixou sua loja de confecção para se dedicar aos peregrinos. E uma vez por ano ela faz o caminho da fé em agradecimento e sempre leva mantimentos a mais e dá apoio aos peregrinos.

A fé dela é muito grande. Neide conta ainda que seu neto, nascido com autismo e paralisia cerebral, precisaria fazer uma cirurgia para ele poder andar e com muita fé e devoção pede mais uma vez a intercessão a Mãe Aparecida. Passados seis meses, seu neto começou a andar no Caminho da fé.

Vimos aqui o quanto que crer nas bênçãos que vem de Deus é bom, e o Caminho da fé proporciona muitas emoções, eu sou prova viva disso; um desses sentimentos que presenciei foi o cansaço, mas quando eu vencida todo o percurso, a alegria final e gratidão eram maiores. Trazendo isso para minha vida, que busco o Reino dos Céus, a santidade e a salvação, tive a confirmação de que a caminhada pode ser pesada e difícil, há desânimos; mas tenho a certeza que Deus olha por mim e essa é minha maior força.

Para concluir, digo que vale muito a pena fazer a experiência do Caminho da fé. Uma frase que meu reitor do propedêutico sempre diz: “ninguém ama aquilo que não conhece”. O caminho cada um faz o seu, seja a pé, de bicicleta, de moto ou de carro, mas a verdadeira importância é a religiosidade. Pelo caminho, há muitas pessoas que vão apenas por esporte, mas na vida desses, encontramos mudanças. Nunca voltamos exatamente iguais depois de uma peregrinação, pois não é a pessoa que passa pelo caminho, mas é ele que atravessa sua alma. O momento mais gratificante é quando chegamos à casa da Mãe; a sensação de missão cumprida. Maria está abaixo de Jesus, sob seus pés; mas “em Maria, tudo en-

contramos Jesus” (Pe. Diego, Redentorista). Neste ano de 2023 o caminho da fé faz 20 anos de peregrinações, são mais de 20 mil credenciados. Minha turma é a segunda do Seminário Bom Pastor que faz o Caminho da fé.

Que, por intercessão de Nossa Senhora Aparecida, haja mais peregrinos e que possamos ter mais vocações santas para nossa Igreja. Que Deus nos abençoe e proteja todos os nossos passos.

O bom caminho

Jerbson Carvalho

A proposta para o Caminho da Fé se apresentou para mim, de imediato, como um desafio. E é um desafio andar 20 km por dia. Eram 317 km a serem percorridos em treze dias e por isso foi preciso treinar e me preparar antes de peregrinar pelas terras de São Paulo e de Minas Gerais.

A caminhada iniciou-se em Águas da Prata-SP. Éramos cinco peregrinos: padre Marcus, nosso reitor, Everson, Renan, José Eduardo e eu. Fabíola e Claret, um casal de amigos, acompanhou-nos com um carro de apoio durante todo o trajeto. Antes dos primeiros passos rumo à casa da Mãe Aparecida, nós fizemos uma oração e ouvimos pela primeira vez a frase que nos acompanhou durante toda a peregrinação: “Bom caminho!”.

Eu andava com o cajado na mão e lia todas as plaquinhas de motivação que há durante o caminho, mas atento para não perder a seta amarela, nos postes de energia, que apontava a direção do Santuário.

Durante o percurso, cada um encontrou seu jeito de desfrutar daquela experiência única, da melhor maneira possível, e por isso não demorou muito para o silêncio encontrar o seu espaço entre nós. O silêncio contribui para um bom proveito da caminhada. Havia peregrinos de carro, moto, bicicleta e a pé e, quando passavam por nós na estrada, diziam: “Bom caminho!”.

Os pés doíam e, em um dado momento, meu joelho começou doer muito, por isso tive que usar joelheira para chegar até a pousada. Pensei que não conseguiria chegar ao Santuário. Continuei a caminhar com os meus irmãos! Enfim, chegamos ao nosso destino e seguimos até a imagem de Nossa Senhora Aparecida para agradecer e rezar; depois fomos pegar nosso certificado. Par-

ticipamos de uma missa na Basílica Histórica. No decorrer da missa, algumas pessoas ficaram em pé, pois havia bastante gente. O reitor padre Marcus Vinícius concelebrou, eu e outro irmão tivemos a graça de fazer as leituras. Depois fomos orientados pelo reitor a estudar toda a história do santuário e o que significa cada um dos desenhos das paredes.

No último dia, participamos da missa que foi presidida pelo bispo Dom Moacir e assim encerramos a nossa peregrinação. Fomos a segunda turma do Seminário Bom Pastor que fez o caminho! Padre Sérgio Carmona, pároco em Sertãozinho-SP, que também estava na caminhada disse: "Não somos nós que passamos pelo caminho, mas o caminho é que passa dentro de nós".

Nossa Senhora Aparecida, rogai por nós!

Muita emoção no Caminho da fé

Renan Henrique de Novais

Trilhar o caminho da fé era uma vontade antiga, anterior a minha entrada para o seminário. Quando recebi a proposta, fui um dos que votou a favor da ida. Começamos a nos preparar aqui, caminhando seis quilômetros por dia.

O início da peregrinação foi bem difícil, pois há subidas muito íngremes. Cheguei a achar que não conseguiria fazer todo o trajeto, mas, todos os dias, rezava meu rosário, depositava meus pedidos e um deles era poder chegar ao Santuário com as bênçãos da Mãe Aparecida, com os meninos e o nosso reitor. Ora conversávamos, ora silenciávamos. Era o momento para meditar, como se fosse um retiro. Usamos uma credencial, pois em vários pontos tínhamos que carimbá-la, e em alguns desses lugares, íamos ao banheiro, tomávamos água, até ganhamos um queijo com café!

Além de nós, havia mais peregrinos no caminho. Alguns iam a pé, outros de bicicleta e até mesmo de carro. Encontramos muitos deles nas pousadas, momento em que compartilhamos a história de fé. Cada pessoa com uma narrativa, é emocionante!. Eles se juntavam a nós para rezar as missas. A última pousada foi a que mais marcou; o pessoal conhecia as músicas que os meninos tocaram. Cantamos todos juntos. Que missa linda!.
E no dia em que chegamos à Apa-

recida foi emocionante. Experimentei uma junção de sentimentos tão fortes que nem consigo traduzir em palavras. Logo fomos passar pela santa.

No trajeto final, eu fui de joelhos para agradecer pela minha chegada, e pedir sua interseção por minha vocação. Depois fomos para o hotel. No outro dia, fomos conhecer mais a basílica. Estive em lugares que jamais saberia que existia, e vi o quanto tudo dentro da igreja faz sentido.



Portal do Paraíso, em Paraisópolis

Caminho da Fé, a peregrinação feita com amor José Eduardo dos Santos

Peregrinar é caminhar com Cristo, buscando aumentar a nossa fé, aquecer nossos corações e refletir sobre nossa vida. Há vinte anos, o Caminho da Fé atrai peregrinos de diversas regiões do país com o objetivo de chegarem até o Santuário Nacional de Aparecida.

São diversos os motivos que levam uma pessoa a realizar o Caminho da Fé, como: a religiosidade, o autoconhecimento e o esporte. No meu caso, vivenciei essa experiência impulsionado pela religiosidade.

Quando ingressei no seminário, foi comentado que uma turma havia feito o Caminho da Fé, no ano de 2019 e, após o relato do padre Marcus, meus companheiros de turma manifestaram interesse por essa prática. Confesso que não queria ir, pois pensei que não seria capaz de andar 317 quilômetros, porém, como a maioria optou por ir, aderi à proposta e me preparei.

Nossa preparação era caminhar seis quilômetros, de segunda a quinta-feira e, durante as férias, continuamos o exercício de preparação para a caminhada maior, cada um em sua cidade.

Enfim, chegou o grande dia. Saímos de Águas da Prata rumo ao Santuário. Seriam duas semanas de peregrinação, com muita reflexão e oração.

Logo no primeiro dia, já senti dores em meu joelho, o que me deixou desanimado e com vontade de não

caminhar por duas semanas, porém ressignifiquei tudo o que havia planejado, e tive como foco minha fé, o que me ajudou a compreender melhor que não controlamos tudo o tempo todo, que as adversidades existem. Apesar das dores fui caminhando, dentro das minhas possibilidades e com as bênçãos e Nossa Senhora, que sempre me conduz a Cristo.

Durante o trajeto, eu rezava o terço, fazia momentos de silêncio, refletia em o que poderia mudar como pessoa, tive ideias de estudos e ouvia música.

No meio do caminho, encontrei pessoas que, mesmo sem conhecê-las, eram acolhedoras. Cada encontro me dava forças para atingir meu propósito. As pousadas eram o momento de descanso. Sempre fomos recebidos com muito carinho, cuidado e alegria, e todos os dias o padre celebrava missa.

Os dias foram passando e enfim chegamos ao Santuário. A chegada foi marcada por um misto de sentimentos, e a sensação de dever cumprido era imensa. Um filme passou pela minha cabeça: quantas pessoas tive a oportunidade de conhecer pelo caminho, o quanto aprendi, conheci-me mais e voltei fortalecido para o caminho vocacional.

A dica que deixo para quem tem o interesse em fazer o Caminho da Fé, além da preparação, é se abrir e deixar que o caminho passe dentro de você, vivenciando cada momento, cada paisagem, cada acolhimento e cada oração.

Novos amigos que professam a mesma fé



Missa na pousada Trutaria Bela Vista, localizada na Serra da Mantiqueira. Tivemos a participação de peregrinos brasileiros, dentro do rito. Houve a renovação dos votos de matrimônio de dois casais. Foi muito bonita, pois foi bem participativa. Vimos peregrinos que praticam a sua fé. Muitos do grupo serviam nas Santas Missas, exercendo a função de Ministro Extraordinário da Comunhão Eucarística (MECE' S).

Fotos da Peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida



Visita ao Mosteiro de São Bento em Campos do Jordão-SP



Padre Marcus, o reitor, e os seminaristas iniciam a peregrinação, no dia 26 de agosto



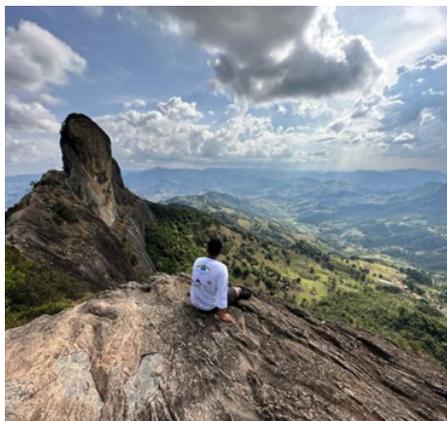
Capela dos Apóstolos no Santuário de Aparecida, onde fica a parte de trás da imagem de Nossa Senhora, que só é girada quando o Papa vem



Placa de motivação que estimula os peregrinos



Capela dedicada a Nossa Senhora Aparecida na Serra da Mantiqueira



Pedra do Baú, com altitude de 1950 m, ponto turístico no Caminho da Fé



Casa da Mãe Aparecida, em frente ao primeiro mosaico, projetado por padre Rupnik



Enfim, a chegada à Aparecida

Missas nas Pousadas



Pousada APEAR, missa com os vizinhos e outros peregrinos



Pousada Casa Gonçalves, momento de música e descanso



"Uma mulher vestida do sol" (Ap 12,1), nicho onde fica a imagem de Nossa Senhora Aparecida

Basílicas



Basílica histórica, inaugurada em 1888 pelo bispo Dom Lino de Carvalho



Nova Basílica de Nossa Senhora Aparecida, consagrada pelo Papa João Paulo II, em 1980

EXPEDIENTE

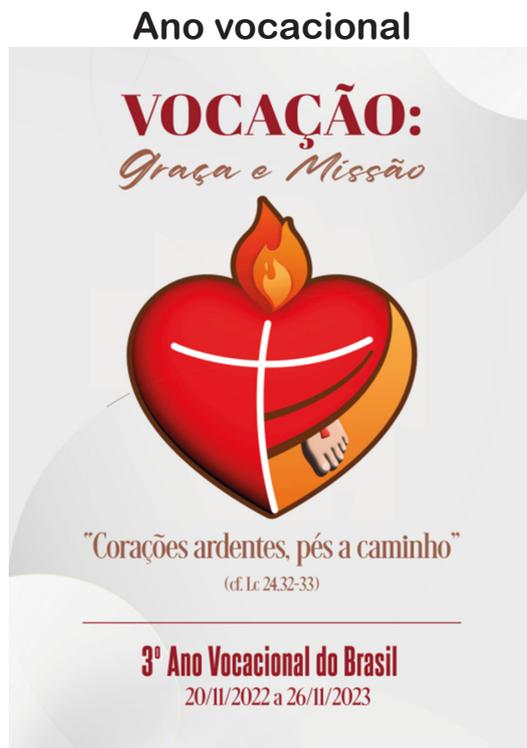
Diretor Geral: pe. Marcus Vinícius de Miranda

Editora Responsável: Teresa Magalhães

Redatores: Dom Moacir Silva, Pe. Marcus Vinícius de Miranda, José Eduardo dos Santos, Jerbson Costa Carvalho, Renan Henrique de Novais e Everson Francisco da Hora Silva

Diagramador: Matheus Willian Bento

Revisora: Teresa Magalhães



Oração do Ano Vocacional
Senhor Jesus,
enviado do Pai e Ungido do Espírito Santo,
que fazeis os corações arderem e os
pés se colocarem a caminho,
ajudai-nos a discernir a graça do vosso
chamado e a urgência da missão.

Continuai a encantar famílias, crianças,
adolescentes, jovens e adultos,
para que sejam capazes de sonhar e se entregar,
com generosidade e vigor,
a serviço do Reino,
em vossa Igreja e no mundo.

Despertai as novas gerações para a
vocação aos Ministérios Leigos,
ao Matrimônio, à Vida Consagrada
e aos Ministérios Ordenados.
Maria, Mãe, Mestra e Discípula Missionária,
ensinai-nos a ouvir o Evangelho da Vocação
e a responder com alegria.
Amém!

Este jornal foi feito com muito carinho e amor. Tentamos transmitir aqui a beleza de ser missionário e as realidades da nossa Igreja, seja no Vaticano, em São Paulo, na África ou na Amazônia, a Igreja é uma só. Peço ao leitor que reze pelas vocações missionárias e também que contribua para esta missão riquíssima. Que nosso bom Deus abençoe a todos. Amém!

Faça sua doação para a Ação Missionária Ribeirão Preto/Amazonas.
Banco do Brasil Agência 6504-8 cc.: 108400-3 CNPJ – 45.231.560/0001-95
A Igreja na Amazônia precisa da sua ajuda!